



Vai alguma coisa mudar com uma vitória do Syriza?



O Syriza continua à frente nas sondagens. Foto: Restis Panagiotou/ANA-MPA/EPA

Share 0

g+ Share 2

g+1 2

Tweet 0

Comentar 0

Se o Syriza ganhar as eleições e formar governo na Grécia, o que vai mudar no país e na União Europeia? Nada ou pouco. Muito. São duas linhas de expectativa em confronto, através da opinião de dois economistas: João César das Neves e José Reis.

19-01-2015 10:00 por Raul Santos



Fonte



SAIBA MAIS

- Grécia. Partido antiausteridade na frente das sondagens
- Syriza. O novo papão europeu ou a hipótese de um novo começo?

O Syriza continua a liderar as sondagens na Grécia, fazendo ganhar forma a ideia de que o partido, extremista e radical, na perspectiva de muitos, formará Governo.

Esta possibilidade gera grande expectativa junto dos que insistem na necessidade de uma mudança na Europa, tal como dá também origem a muitos receios dos que temem que tudo mude para pior. Entre estas duas vias, surge também a ideia de que o Syriza é 'fogo de vista' e tudo ficará mais ou menos na mesma.

A 'calçar', de algum modo, este argumento, está o facto de o Syriza, face à expectativa de chegar à governação, ter alterado o seu discurso. Por exemplo, a ameaça de rompimento com o euro já deu lugar a juras de fidelidade à moeda única. Para o economista João César das Neves, professor da Universidade Católica Portuguesa (UCP), este dado não surpreende: "Os partidos extremistas, assim que têm a responsabilidade de tomar decisões, mudam completamente de atitude. É fácil dizer, de fora, coisas dramáticas, mas, quando se lá chega, é preciso tratar dos problemas como eles são".

Outro economista, José Reis, da Universidade de Coimbra, tem opinião divergente, considerando "natural" que o discurso do Syriza no poder venha a ser diferente. "Admito que haja já uma atenuação do discurso, mas isso é parte da solução", defende Reis, argumentando: "Uma das funções - e das vantagens - do debate democrático é proporcionar o confronto de diferentes perspectivas. Qualquer partido ou voz politicamente organizada é parte do debate entre oposição e governo e quem chega da oposição ao governo tem, evidentemente, de se confrontar com situações complexas que não enfrentava quando não encarava o exercício do poder".

"Não vejo mal nenhum que o discurso do Syriza venha a ser matizado por soluções de compromisso a que uma governação obriga. O Syriza não vai desdizer o que disse nem mostrar-se do avesso", reforça José Reis, convicto de que "uma eventual vitória do Syriza terá como consequências uma alteração do quadro lamentável em que a Europa tem vivido".

João César das Neves entende que a prática não corresponderá ao discurso porque "a margem de manobra que o Syriza terá no poder será muito pequena" e o maior partido da esquerda grega, "provavelmente, vai fazer o que está a ser feito por outros". Se

João César das Neves entende que a prática não corresponderá ao discurso porque “a margem de manobra que o Syriza terá no poder será muito pequena” e o maior partido da esquerda grega, “provavelmente, vai fazer o que está a ser feito por outros”. Se assim não for, Neves não tem dúvidas: “Será uma catástrofe para a Grécia”.

“O caminho é muito estreito porque a Grécia enfiou-se num buraco. Ou continua a fazer um esforço no sentido de estabilizar a situação, de recuperar a confiança e de dinamizar a economia e talvez se possa estabilizar o país, ou, então, pode-se fingir que o problema não existe e, no fundo, agravá-lo”, sentencia.

No plano dos efeitos que uma vitória do Syriza possa ter noutros países, o professor da UCP mostra-se céptico. “Algum efeito terá, com certeza, mas será residual e ambíguo. Uma vitória de um partido extremista dá fôlego a outros partidos extremistas, mas as dificuldades que esse partido revelará quando começar a formar governo irão vacinar algum eleitorado quanto a soluções que parecem mágicas”.

O foco na questão da dívida

Com a mudança de posição face ao euro, o Syriza reforçou a sua posição em defesa de um debate sobre a dívida e essa é, para José Reis, “a questão essencial”.

“Aí, o Syriza está a fazer certo e o mesmo deveria ser feito em Portugal”, defende o também director da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, argumentando que “a dívida inibe, asfixia qualquer possibilidade, não apenas de crescimento, mas de bem-estar nas nossas sociedades”. Assim, “o problema da dívida é difícil, mas tem de ser encarado”.

João César das Neves tem um entendimento contrário e lembra: “A Grécia já faliu duas vezes, pelo menos. Já nem sei se foram três, já perdi a conta. O Syriza pode fazer falir a Grécia outra vez, pode dizer ‘não pago’ e, aí, os credores nada poderão fazer. Mas é certo que ninguém mais emprestará à Grécia”.

Para o presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da UCP, “o problema decisivo é que a Grécia quer voltar aos mercados e isso será difícil de conseguir se o Governo disser ‘não pago’”.

“As coisas não são assim lineares. Se fossem, já tinha sido feito”, remata João César das Neves.

José Reis sublinha que a questão não passa por um simples ‘não pago’, porque “ninguém que defenda a reestruturação das dívidas pretende uma reestruturação desonesta”, passando a solução do problema pelo debate, pela discussão com ‘o outro lado’.

“Se há país europeu que na História do século XX foi beneficiado, privilegiado na questão da sua dívida, foi a Alemanha. No pós-guerra, a Alemanha beneficiou de condições excepcionais, sem as quais não teria sido possível o ‘milagre alemão’, e essas condições consistiram exactamente no que agora está a ser proposto: reestruturação, alargamento de prazos, diminuição de juros. A Europa tem de aceitar esta discussão”, insiste.

Do ponto de vista de José Reis, um dos problemas do momento prende-se com o facto de, em matéria de financiamento, termos deixado “colonizar as nossas cabeças pela ideia de que há uma entidade única, exclusiva, poderosa e indiscutível que são os ‘mercados’, relativamente aos quais, os estados, as nações, os povos são pigmeus que têm de baixar a cabeça”.

“O financiamento tem de resultar de múltiplos mecanismos”, sustenta o economista da Universidade de Coimbra, sublinhando que “os países periféricos são necessários para alterar a actual situação”.

“A Grécia, em particular, é decisiva, mas também o são, por exemplo, a Irlanda, que já veio falar numa conferência sobre a reestruturação, e terá de ser Portugal. Não com este Governo nem com esta ideologia submissa de direita”, afirma José Reis.

Mudar a Europa

O investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra insiste: “A política europeia tem de mudar. Tem necessariamente de mudar, porque a situação europeia não é recomendável. As instituições europeias, as ideias prevalecentes na União têm sido um acelerador da crise, um acelerador dos problemas, não têm sido solução, não têm encontrado respostas. A situação é insustentável, intolerável”.

Para João César das Neves, “não pode dizer-se que a forma como se encaminhou a situação foi a melhor, que não teve erros”, acreditando o economista da UCP que “podia-se ter feito algumas coisas de outra maneira”. Contudo, em relação ao caso grego, “também é preciso dizer que o capital de confiança era muito baixo, porque a Grécia violou compromissos e promessas durante décadas”.

Independentemente de um ou de outro erro cometido, “o problema da Europa é um problema de confiança, ou de falta dela, portanto, de desconfiança”. João César das Neves detalha: “Os credores desconfiam dos devedores, os devedores desconfiam de quem empresta. A Alemanha já está farta de pagar e diz ‘já chega’, os países do sul pedem ‘dê-me lá mais um bocadinho’, etc. Esta desconfiança, felizmente, é temperada

e, pelo facto de ser temperada, se evita a espiral de catastrophe, tambem impede que se arranque para um novo surto de crescimento. As pessoas não acreditam”.

José Reis aponta a outra frente no diagnóstico sobre a situação da União Europeia. “A Europa precisa de democracia, de discussão e de deliberações políticas e é para isso que há eleições”.

Em defesa de uma mudança, o economista de Coimbra sublinha que “a pior das alternativas nós conhecemo-la bem: é esta política de austeridade que devastou países, criou desigualdades, produziu transferências de riqueza para pequenos sectores, tirando a todos para dar a poucos”.

Neste quadro, José Reis entende que, “independentemente da nossa posição sobre o Syriza, só podemos saudar que ele tenha aberto na Grécia uma consciência política e uma capacidade de debate que é necessária para que a Europa se reconstitua, de modo a deitar fora esta canga horrível que produziu uma crise fracturante da própria Europa”.



FREQUÊNCIAS



TEMPO



TRÂNSITO



CONTACTOS



FICHA TÉCNICA

INFORMAÇÃO

BOLA BRANCA

PROGRAMAÇÃO

MÚSICA

MULTIMÉDIA

OPINIÃO

r/com

RFM
90 GRANDES MÚSICAS

MEGA
90

Sim

intervoz

Genius & Meios

página1

CLUBE
RENASCENÇA

© 2015 Rádio Renascença. Todos os direitos reservados.
Rua Ivens, 14 – 1249-108 LISBOA | Telef.: 213 239 200 | mail@rr.pt